



ESTUDOS DA LINGUAGEM

ISSN: 1517-7238

Vol. II nº 21

2º Sem. 2010

p. 127-145

**A ASSIMILAÇÃO OU A
TRANSGRESSÃO DO
CÓDIGO LINGUÍSTICO,
CULTURAL E HISTÓRICO
EM OSWALD DE ANDRADE**

ASSIMILATION OR TRANSGRESSION OF THE
LINGUISTIC, CULTURAL AND HISTORIC CODE
ON OSWALD DE ANDRADE

ALVES, Lourdes Kaminski¹

¹ Docente do Colegiado de Letras Português/Inglês/Espanhol/Italiano e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste – Campus de Cascavel. Bolsista Produtividade em Pesquisa pela Fundação Araucária. E-mail: lourdeskaminski@gmail.com.

RESUMO: O conceito de antropofagia cultural foi tratado e reelaborado, tanto por intelectuais no campo da crítica literária e cultural, como também foi objeto de apropriação criativa por um grupo significativo de escritores no Brasil e em todo contexto latino; porém, o conceito revitaliza-se na contemporaneidade, refletindo uma consciência crítica do escritor sobre a compreensão das desigualdades sociais que estruturam a América Latina, nos seus mais variados segmentos, sejam eles de ordem política, econômica ou cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Antropofagia cultural; Poética ambivalente; América Latina.

ABSTRACT: The concept of cultural cannibalism was discussed and re-established by intellectuals from the field of literary and cultural criticism, and it was also the object of creative appropriation by a significant group of writers in Brazil and in the Latin America context. Nevertheless, this concept is revitalized in the contemporary context, reflecting the critical consciousness of the writer on the understanding of social inequalities that shape Latin America, in its different segments, be they political, economic or cultural.

KEYWORDS: Cultural cannibalism; Ambivalent poetics; Latin America.

I INTRODUÇÃO

Este texto tem como proposta refletir sobre o conceito de antropofagia cultural desenvolvido por Oswald de Andrade como marco conceitual para formulações teóricas elaboradas no âmbito da crítica latino-americana contemporânea, a exemplo das idéias de transculturação, hibridismo, intertextualidades e a redefinição do conceito de tradição; não mais vista como uma fatalidade hereditária, mas como um conjunto de opções das quais nos apropriamos, atualizando-as com a leitura num processo de tradução.

O conceito de antropofagia foi tratado e reelaborado, tanto por intelectuais no campo da crítica literária e cultural, como também foi objeto de apropriação criativa por um grupo significativo de escritores no Brasil e em todo contexto latino; na contemporaneidade o conceito revitaliza-se, refletindo uma consciência crítica do escritor sobre a compreensão das desigualdades sociais que estruturam a América Latina, nos

seus mais variados segmentos, sejam eles de ordem política, econômica ou cultural. De forma que a ideia de antropofagia e suas conotações literárias entram em consonância com o multiculturalismo e as heranças diversas, a hegemonia de algumas tradições e as negociações de 'minorias' étnicas na literatura.

2 VIDA E ARTE COMO CONTRADIÇÃO E CONFLITO

De acordo com Oswald, a antropofagia consistiria em uma forma de enfrentamento aos esquemas de opressão presentes na sociedade de classes. Oswald argumentava que:

[n]a moral de escravos se forjaria a técnica e se desenvolveriam as forças produtivas da sociedade e, por oposição, suas forças libertárias. Hegel, no que tem de excelente, dizia que a contradição existe na raiz do próprio movimento. Vida é contradição, vida é conflito. É na formulação dos atuais temas da antropofagia, é a dialética o seu maior instrumento. (ANDRADE, 1992, p. 103).

Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago* (1928) e nos textos que seguem até 1953 quando escreve *A marcha das Utopias*, ora de forma mais veemente, ora menos, ratifica a vertente estético-política que trata da antropofagia, projetando a vida como contradição e conflito, como descreve no esquema:

[...] na tese o homem primitivo, na antítese o homem histórico e na síntese o homem atômico com a capacidade adquirida pelo milagre da técnica de jogar fora a opressão mítica do Sinai junto com as opressões econômicas que o afligem. (ANDRADE, 1992, p. 102).

Antonio Candido, ao abordar sobre o autor e a obra em "Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade" (1977), aponta dois traços, segundo ele, generalizados, para definir aspectos comuns à personalidade humana e literária de Oswald:

devoração e mobilidade.

Devoração é não apenas um processo simbólico da antropofagia, mas o seu modo pessoal de ser, a sua capacidade surpreendente de absorver o mundo, triturá-lo para recompô-lo. Frequentemente a inteireza da sua visão precisa ser elaborada pela percepção do leitor, pois no seu discurso o que ressalta são os fragmentos da moagem de pessoas, fatos e valores. [...] Também na sua visão da sociedade avulta o senso do que é móvel, a miragem de uma transição necessária ao matriarcado redentor, sob a percussão dos movimentos ideológicos que dissolvem as estruturas. (CANDIDO, 1977, p. 78).

Os traços sugeridos por Candido estão articulados à composição oswaldiana marcada por uma busca pelas estruturas móveis, pela desarticulação inesperada dos segmentos, apoiados numa variável mobilização do estilo.

É o que explica sua escrita fragmentária, tendendo a certas formas de obra aberta, na medida em que usa a elipse, a alusão, o corte, o espaço branco, o choque do absurdo, pressupondo tanto o elemento ausente quanto o presente, tanto o implícito quanto o explícito, obrigando a nossa leitura a uma espécie de cinematismo descontínuo, que se opõe ao fluxo da composição tradicional. Frequentemente a sua escrita é feita de frases que se projetam como antenas móveis, envolvendo, decompondo o objeto até pulverizá-lo e recompor uma visão diferente. (CANDIDO, 1977, p. 78).

Na escritura de Oswald está a consciência do mundo no deslocamento por diferentes tempos e lugares. No cosmopolitismo oswaldiano presentifica-se a metáfora da devoração, mas também o exercício crítico e auto-analítico: “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente” (ANDRADE, 1990, p. 47). Oswald coloca em cena o conflito com os modelos políticos e culturais europeus e assume os riscos, por assim dizer de uma prática antropofágica, enfatizando que: “[...] mesmo as coisas espantosas nunca me espantaram. Encaixo tudo, somo, incorporo...” (ANDRADE, 2002, p. 53). A partir daí, o *Manifesto*

Antropofágico, passa a ser texto referencial para análise de nossa cultura, uma vez que se apresenta, na visão de Augusto de Campos, como “a única filosofia original brasileira”:

Com a “Antropofagia” de Oswald de Andrade, nos anos 20 (retomada depois, em termos de cosmovisão filosófico-existencial, nos anos 50, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*), tivemos um sentido agudo da necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialético com o universal. [...] Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação: melhor ainda uma “transvaloração”: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de uma de apropriação como de desapropriação, desierarquização, desconstrução. (CAMPOS, 1992, p. 233).

A ideia de antropofagia está associada ao signo da divergência e da diferença, numa perspectiva proposta pelo multiculturalismo, colocando-se como uma poética de transformação e, sobretudo, como um novo modo de percepção de nossa realidade, uma vontade de reelaboração dos materiais encontrados na cultura e desapego às formas tradicionais de arte, a exemplo do combate às fórmulas, aos modelos, à estética etnocêntrica e o combate às instituições no campo da política e da cultura. Esta perspectiva faz emergir uma linguagem artística ancorada na sátira, na paródia, na descontextualização criativa, na estética da colagem, na aproximação entre elementos distantes e/ou díspares e no humor. “[O] instinto antropofágico tende à sua própria negação como vontade de poder, na medida em que ele próprio conduz à utopia, e na medida em que utopia significa a absorção na liberdade e na igualdade, da violência geradora dos antagonismos sociais” (NUNES, 1990, p. 38).

3 DEGLUTIÇÃO, ASSIMILAÇÃO E REJEIÇÃO EM OSWALD DE ANDRADE

Oswald de Andrade conservaria, durante o período de sua militância político-partidária, década de 1930, quando escreveu seus textos de teatro, o estilo de ação do movimento antropofágico que ele ironiza no prefácio de *Serafim Ponte Grande* (1924).

O movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado. São Paulo possuía um poderoso parque industrial. Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semicolônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas? Eis porém que o parque industrial de São Paulo era um parque de transformação. Com matéria-prima importada. Às vezes originária do próprio solo nosso. Macunaíma (ANDRADE, 2001, p. 38).

Esta capacidade de auto-crítica no estilo antropofágico – deglutição, assimilação e rejeição – aparece na narrativa fragmentada de *Serafim Ponte Grande*, definido por Oswald como “necrológio da burguesia. Epitáfio do que fui”. (ANDRADE, 2001, p. 39). Nessa obra a narrativa é conduzida de forma paródica com acentuada conotação irônica, como um meio próprio para provocar o “estranhamento” da narrativa, com alusões literárias e históricas que funcionam como paródia dentro da paródia.

Oficiais parecem estrangeiros que conquistaram a população de olhos medrosos. [...] São Paulo ficou nobre, com todas as virtudes das cidades bombardeadas. [...] Negros martelam metralhadoras. Uma trincheira real onde se digere pinga-com-pólvora! Famílias dinastas d’África, que perderam tudo no eito das fazendas – fausto, dignidade carnavalesca e humana, liberdade e fome – uma noite acordando com as garras no sonho de uma bateria. Viva a negra! Sapeco fogo!

E os índios onde os missionários inocularam a monogamia, e o pecado original! E os filhos dos desgraçados co’as índias nuas!

Vinde! Vinde destroçar as tropas do Governador-Geral! Fogo, indaiada de minha terra tem palmeiras! (ANDRADE, 2001, p. 77).

Naqueles bons tempos a gente ia à missa mas como derrubaram a igreja e nasceu outra geração que só cuida dos jogos de futebol, e do bicho, ninguém mais vai à missa. [...]

Quando um estrangeiro saudosos regressa à pátria e procura o Largo da Sé, encontra no lugar a Praça da Sé. Mas é a mesma coisa. (ANDRADE, 2001, p. 80).

Ao modo de uma pintura cubista, a narrativa, no formato relato-testemunho vai mostrando os diferentes ângulos do processo de transformação da cidade de São Paulo, revista e revisitada pelo Outro que retorna-viagem. Oswald trabalha com a ressignificação de códigos, utilizando-os em um novo contexto. Transparece, assim, o sentido paródico de contextos sociais, políticos, culturais, religiosos e artísticos conhecidos do leitor, de forma crítica e devoradora, a exemplo da poesia *Pau-Brasil*. “A língua sem arcaísmos, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos”. (ANDRADE, 1974, p. 77).

No conjunto a poesia *Pau-Brasil* realiza um movimento de leitura secular e se detém nos momentos cruciais da história oficial. Em cada uma dessas sessões apresenta um momento da história do Brasil por meio de uma linguagem híbrida que mistura cartas, anúncios publicitários, crônicas, registro literário epistolar, ao modo de paródia reúne fragmentos de vários discursos para dar conta da complexidade do Brasil e de sua realidade multiétnica.

Guararapes

Japoneses

Turcos

Miguéis

Os hotéis parecem roupas alugadas

Negros como num compêndio de história pátria

Mas que sujeito loiro. (ANDRADE, 1974, p.105).

A poesia *Pau-Brasil* expressa a visão do modernismo que atentava para um diálogo profundo entre os escritores e os escritos sociais de caráter antropológico, histórico e artístico pela valorização da cultura popular e neste sentido, antecipa a discussão atual feita pela crítica pós-colonial, como uma abordagem alternativa para entender o imperialismo e suas consequências. Tal como os críticos da perspectiva pós-colonial que voltam sua atenção para a criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos, Oswald valoriza, por meio de sua poesia, a história e a voz das minorias étnicas. Transforma em valor a suposta inferioridade da cultura nativa.

Vício de fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mio
Para pior pio
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados. (ANDRADE, 1974, p.89).

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro. (ANDRADE, 1974, p.125).

Aspectos do contexto social, cultural e histórico são traduzidos de forma irônica por Oswald por meio da linguagem, que repassa muito de suas sínteses satíricas sobre o contexto social e político de sua época, podendo assim, ser considerado marco histórico na proposição de uma poética ambivalente, vindo a tornar-se referência para a criação

ficcional e ensaística que se volta à perspectiva do multiculturalismo na contemporaneidade. Bonnici lembra que:

[o] pós-colonialismo conseguiu nos últimos cinquenta anos construir um arcabouço teórico e um conjunto de obras literárias consideráveis. Como não podia deixar de ser, a importação da teoria pós-colonial afetou também a América Latina e, conseqüentemente, o Brasil, a partir dos anos 70. Essa importação, todavia, realçou certos conceitos já debatidos como a antropofagia, a transculturação, o hibridismo, a marginalização, a hierarquização, as minorias excluídas, o transnacionalismo, a homogeneização, a alteridade, termos discutidos por Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Silviano Santiago, Eduardo Galeano, Roberto Schwarz e outros, em diferentes vieses e por meio de matizes contrastantes. (BONNICI, 2009, p. 44).

Literatura, cultura e crítica literária se vêm mediadas por um processo dinâmico que coloca em tensão o dado local e os moldes da tradição europeia. A atitude de devoração crítica dos valores europeus inscrita na estética antropofágica é decisiva para a vitalização da inteligência nacional, conforme assinala Gilberto Mendonça Teles ao falar sobre modelos de interpretação cultural na atualidade:

É o modelo que se fez e se aprimorou através do longo debate entre as formas literárias do século XIX e as propostas artísticas das vanguardas européias, que começaram a ser introduzidas na América a partir de 1909, no mesmo ano do primeiro manifesto futurista, de Marinetti, conforme mostramos em *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, de 1972. Por intermédio deste modelo os estudiosos se valeram e ainda se valem da 'antropofagia', da 'deglutição' das técnicas estrangeiras a fim de com elas trabalhar artisticamente a matéria nacional. (TELES, 2009, p.31-32).

Na esteira de Oswald podem-se citar muitos escritores interessados em realizar uma literatura em que o processo de incorporação se transforma em ruptura e resistência, ilustramos aqui com Murilo Mendes com a obra *História do Brasil*, que reorganiza no "espaço do coletivo uma convergência de

vozes que pactua com a destruição da sociedade fundada na desigualdade social". (MAIA, 2002, p. 334). Por meio do efeito cômico-satírico, Murilo Mendes desautoriza a versão da história oficial e enfoca a dimensão problemática de nossa formação cultural.

Em *Prefácio de Pinzón* o conquistador espanhol nomeia o Brasil como a "fazenda" tomada pelos portugueses aos espanhóis pelas vias do não merecimento, trazendo à tona temas do nacionalismo pela valorização do coloquial. O poeta demonstra uma consciência crítica de reelaboração do tema, mediado pela subversão da forma; momento em que o discurso poético dialoga com o histórico de modo consciente conforme argumenta Oswald em um dos prefácios de *Serafim Ponte Grande*. "[...] a minha finalidade é a crítica. A obra de ficção em minha vida corresponde a horas livres em que, estabelecido o caos criador, minhas teorias se exercitam com pleno controle". (ANDRADE, 2001, p. 33).

Desta forma, há que se compreender o alcance dos Manifestos oswaldianos como parte importante da produção modernista e pós-modernista fundadora de um movimento de ruptura, mas também de permanência. Oswald transforma a Antropofagia numa via que permitirá a ele construir um discurso que não seja apenas de ruptura, mas, também, de incorporação, conforme Nunes (1979). Nesta perspectiva, o pensamento de Oswald revela-se sob o signo da ruptura, observável em sua trajetória pessoal, intelectual e criativa.

A posição antropofágica permite que o discurso progressista se instale, aliado à noção de dinamismo. Deste modo, a apropriação dos discursos anteriores é acompanhada de uma constante transformação subjetiva em vista das formações sociais. (NUNES, 1979, p. 48).

A ideia de permanência está no amálgama entre elementos da tradição e da modernidade e essa noção de ruptura representaria a síntese paródica característica na escritura oswaldiana. Segundo Schwarz "a liberdade e a irreverência

com que Oswald opera dependem da vanguarda estética europeia, e a combinação de soluções antitradicionais e matéria essencialmente 'antiga' realiza, por sua vez, a síntese que o poema procura captar". (SCHWARZ, 1988, p. 14). Na aceção de Haroldo de Campos:

Oswald, na congenialidade dos elementos primitivos que convocava para sua poética – e sob cujas espécies deglutia as apuradas técnicas estrangeiras –, estava redescobrando a realidade brasileira de uma perspectiva original e situando-se nela. Assumia o mapa diacrônico dos vários Brasis coexistentes, em tempos (estágios) diversos, num mesmo espaço de linguagem, e assumia-o inscrevendo-se nele, observador observado de um contexto de conflito. (CAMPOS, 1974, p.39).

Oswald já havia provocado o leitor com a radicalidade da poesia *Pau-Brasil* na década de 1920, por meio da linguagem paródica e satírica, desconstruindo as leituras e as imagens oficiais e ritualizadas de uma sociedade pós-colonialista, patriarcal e capitalista que entrava nas vias da industrialização com a ansiedade do novo; seu teatro, na década de 1930 e a produção narrativa e também ensaística que segue até os anos de 1953 participa igualmente desta natureza, singularizando a fratura sócio-estrutural definidora das contradições de nosso país.

A produção literária de Oswald de Andrade denota a presença de procedimentos que atestam a modernidade do autor na capacidade de antecipar mudanças, atualmente concebidos como procedimentos e tendências da crítica literária contemporânea. O autor, em comunicação escrita para o "Encontro de Intelectuais", realizado no Rio de Janeiro em 1954, e enviada a Di Cavalcanti para ser lida durante o evento expressa os rumos que deveriam tomar as proposições sobre o espírito antropofágico nas discussões sobre cultura na América Latina.

A reabilitação do primitivo é uma tarefa que compete aos americanos. Todo mundo sabe o conceito deprimente de que se utilizaram

os europeus para fins colonizadores. [...] Devido ao meu estado de saúde, não posso tornar mais longa esta comunicação que julgo essencial a uma revisão de conceitos sobre o homem da América. Faço pois um apelo a todos os estudiosos desse grande assunto para que tomem em consideração a grandeza do primitivo, o seu sólido conceito de vida como devoração e levem avante toda uma filosofia que está para ser feita. (ANDRADE, 1992, p. 231-232).

O conceito de antropofagia proposto por Oswald de Andrade mostrou-se como um projeto em devir, a ser concretizado por seus predecessores, que buscaram novas perspectivas para a interpretação das produções culturais no contexto latino-americano.

Gilberto Mendonça Teles observa que “Oswald de Andrade, como homem e como escritor, foi sempre uma presença incômoda, abrindo-se continuamente para o novo e muitas vezes se queimando na sua própria renovação”. (TELES, 1995, p. 03). Este aspecto biográfico interferiu na recepção da obra de Oswald de Andrade, conforme registra Rudá de Andrade em carta publicada por Antonio Candido em *Vários Escritos* (1977). “O distanciamento intelectual a que foi submetido pela incompreensão histórica do momento – reflexo do provincianismo de então – interferiu na sua obra e na sua vida”, (ANDRADE, *apud* CANDIDO, 1977, 90), recebendo somente mais tarde, após sua morte em 1954, maior atenção e reconhecimento por sua proposta de elaboração estética para a literatura no Brasil e na América Latina.

4 O DIÁLOGO RETOMADO

Essas considerações nos permitem refletir sobre o diálogo contemporâneo, que tanto a crítica literária, quanto a narrativa de ficção, mantém com a proposta oswaldiana da devoração crítica. Conforme argumenta Silvano Santiago:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião,

entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropofágico da literatura latino-americana. (SANTIAGO, 2000, p. 26).

Considera-se, pois, o movimento antropofágico proposto no Brasil do modernismo como ponto de partida para uma produção literária e ensaística pós-colonial autônoma, capaz de realizar “a devoração das contribuições culturais europeias [...] transformá-las em outra coisa: uma cultura brasileira renovada [...]”. (BERND, 2003, p. 43). Parafraseamos: produção latino-americana renovada que exige o domínio intelectual no lugar de domínio político sobre a nação pós-colonial.

Santiago (2000) acredita que a produção literária latino-americana, enquanto assimiladora de modelos originais importados, constrói-se entre a admiração ao “já escrito” e a necessidade de produzir um novo texto que o transgrida, numa atitude descolonizadora. Como exemplo pode-se citar o romance *Vigília del almirante* (1992) de Roa Bastos, narrativa, cujo prólogo expressa o projeto estético e ideológico do autor com relação à proposta de releitura crítica do passado, especificamente, sobre a história oficial do descobrimento da América. “[...] este es un relato de ficción impura, o mixta, oscilante entre la realidad de la fábula y la fábula de la historia”. (ROA BASTOS, 1992, p.11).

Esta concepção sobre ficção e história, expressa em forma de paratexto (prólogo), estabelecerá o fio condutor da narrativa como uma forma de reação à tradição literária latino-americana de importação de modelos. Em *Vigília del Almirante* o discurso polifônico e parodístico desmistifica imagens construídas sobre o ‘herói’ histórico do descobrimento da América. O processo de carnavalização inverte a figura do Almirante Cristóvão Colombo que passa a ser descrito como um “troglodita medieval”, atrasado em relação ao Outro, sobre o qual exerceria sua influência, impondo sua palavra e sua verdade. *O Diário de bordo* de Colombo é reescrito pela

ficção, traduzido parodisticamente.

Silviano Santiago (2000), ao falar sobre o lugar que ocupa no contexto atual, o discurso literário latino-americano, em confronto com o europeu, retoma a metáfora *canibais do Novo Mundo*, de Montaigne, para, em síntese, dizer que, tanto brancos quanto índios, ignorantes um da cultura do outro, foram capturados pelas leis naturais do pluralismo (cultural, religioso, linguístico). O sentido pejorativo de antropófago, tão exaltado como característica do índio (bárbaro) é posto em xeque pela nova narrativa latino-americana. Essa metáfora, segundo Santiago, “[...] guarda em essência a marca do conflito eterno entre o civilizado e o bárbaro, entre o colonialista e o colonizado, [...] entre a Europa e o Novo Mundo”. (SANTIAGO, 2000, p. 10).

A noção de influência europeia adquire o significado de assimilação no sentido antropofágico de adequação de uma ideia a partir da apropriação de um conhecimento e da imaginação criadora do escritor. Trata-se de uma estratégia de leitura da tradição e dos recursos de transcrição e de transculturação como processo de tradução.

Aguiar (2001) lembra que a expressão “transculturação” é resultado de reflexões feitas pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, em 1940, para expressar “[...] processos de contato entre culturas diferentes colocadas no jogo da dominação imposto, sobretudo, pelo empreendimento colonial” (AGUIAR, 2001, p. 11) e, posteriormente, utilizado por Ángel Rama que, a princípio, fazia uso do termo ‘aculturação’ e passou a empregar transculturação, “[...] por expressar melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura à outra”. (AGUIAR, 2001, p. 11).

Esse processo, considerado por ambos os estudiosos (Ángel Rama e Aguiar), está relacionado ao jogo de acepções, em que a:

[d]esculturação implica perda de componentes considerados obsoletos; em seguida, há incorporações procedentes de uma cultura externa e, por fim, um esforço de recomposição ou neoculturação,

articulando os elementos sobreviventes da cultura originária e os que vieram de fora. (AGUIAR, 2001, p. 11).

Aguiar também faz referência ao termo “transculturação” como “[...] processo de desarraigamento de culturas tradicionais para a formação de outra, processo de que, no mundo contemporâneo, a América Latina seria palco privilegiado e exemplo dramático” (AGUIAR, 2001, p. 23).

Os postulados pós-coloniais são tratados por Walter Mignolo, que vê a necessidade da descolonização por meio de um trabalho de releitura de paradigmas. A linguagem está vinculada a essa possibilidade “[...] desde los espacios conflictivos de enunciación que se generan en las formas de concebir prácticas culturales asociadas con la lengua”. (MIGNOLO, 1995, p. 9). Mignolo propõe pensar a cultura e os povos latino-americanos a partir de suas ruínas, reconhecendo-as como base de produção cultural de significação. Isso converge a um pensamento que “[...] se construya en los intersticios, en los entre-espacios engendrados por la expansión occidental” (MIGNOLO, 1995, p. 27).

Ana Pizarro (1995) aponta para novas formas de expressão da memória e da diversidade cultural, outorgando a elas novos significados, a partir da geração de modelos próprios que valorizem a imagem de uma construção identitária mais inveterada, sem que, com isso, se anulem modelos anteriores.

Esto significa pensar sus construcciones simbólicas a partir de este renovado repertorio formal a que aludíamos, que obedece a dinámicas de desarrollo diferentes del discurso y la cultura. Ellas lo apropian como una manera nueva de focalizar las inflexiones de su propia memoria. (PIZARRO, 1995, p. 23).

Pode-se refletir, então, sobre o sentido de ruínas proposto por Mignolo articulado ao posicionamento de Pizarro ao buscar nos predecessores um passado que permanece, ilu-

minando os valores do presente num processo de ressignificação. Segundo Silviano Santiago:

[...] a noção de unidade sofre reviravolta, é contaminada em favor de uma mistura sutil e complexa entre o elemento europeu e o elemento autóctone – uma espécie de infiltração progressiva efetuada pelo pensamento selvagem, ou seja, abertura do único caminho possível que poderia levar à descolonização. (SANTIAGO, 2000, p. 15).

Nesse sentido, a concepção de pureza não mais é buscada, enquanto a “contaminação” linguística e de códigos religiosos se firma e se torna eficaz, conferindo à literatura latino-americana contemporânea status de escritura originalmente híbrida. De acordo com Monegal (1980), este é um dos traços que a nova narrativa latino-americana herdou de Borges, a ideia de influência e desvio e também do discurso híbrido. Entenda-se híbrido no sentido de intertextual por considerar as produções antecedentes e o papel do escritor em conhecer, assimilar e respeitar o modelo original, para, então, como conhecedor da causa em questão, poder confrontar e até mesmo negar o cânone em favor de uma nova criação textual, que se efetivaria em uma poética antropofágica e num processo de devoração crítica consciente, processo do qual Oswald de Andrade é referencia na produção literária e dramática brasileira.

Em sua poética Oswald encontra estratégias para escavar caminhos da história cultural do país, situar o indivíduo, sem abandonar a análise dos fatos e do tempo presente. Tanto na produção literária oswaldiana, quanto no teatro e nos manifestos está presente o apelo feito por Breton no Segundo *Manifesto do Surrealismo (1930)*, quando este trata da posição política do Surrealismo. “Tudo está por fazer, todos os meios devem ser bons para arruinar as ideias de família, de pátria, de religião. [...]. Combatemos sob todas as formas a indiferença poética, a distração da arte, a investigação erudita, a especulação pura, não queremos ter nada de comum com

os pequenos nem com os grandes poupadores de espíritos²”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da proposta de uma poética antropofágica resultaram produções e movimentos artísticos significativos no contexto da cultura brasileira para ilustrar estratégias que os povos colonizados têm buscado para reconstruir as identidades no domínio da produção inventada pelo colonizador.

Os traços sugeridos por Candido (1977) com relação à linguagem oswaldiana marcada pela devoração e pela mobilidade, aspectos importantes da antropofagia cultural, mostraram-se fundamentais para formulações teóricas no campo dos estudos comparados na América Latina, como já citou Leyla Perrone-Moisés em capítulo de *Flores da escrivantina* (1990), denominado “literatura comparada, intertexto e antropofagia”, ou como Silvano Santiago (1978) que observa que a produção literária latino-americana, enquanto assimiladora de modelos originais importados, constrói-se entre a admiração ao “já-escrito” e a necessidade de produzir um novo texto que o transgrida, numa atitude descolonizadora.

Pode-se dizer que a antropofagia, conceito de vida calcado no primitivo proposto por Oswald como estratégia para a discussão da cultura e do poder, formulou-se como potência no processo de abstração da realidade social. Ao propor o canibal como sujeito transformador, social e coletivo, Oswald produz uma reescritura não só da história do Brasil, mas também da própria construção da tradição ocidental na América Latina.

2 O texto do “Segundo Manifesto do Surrealismo (1930)” de Andre Breton encontra-se em TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Europeia & Modernismo Brasileiro*. 19^a. Edição revista e ampliada. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 274.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio; VASCONCELOS, Sandra Guardini. *Ángel Rama: literatura e cultura na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ANDRADE, Oswald de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974 (Vol. 7 – Poesias Reunidas).
- . *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.
- . *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 2001.
- . *Um homem sem profissão*. São Paulo: Globo, 2002.
- . *Obras completas*. Estética e política. São Paulo: Globo, 1992. (Organização de Maria Eugênia Boaventura).
- ANDRADE, Rudá. Carta de Rudá de Andrade. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 89-92.
- BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2003.
- . *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada interamericana*. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1998.
- BONNICI, Thomas. *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BORGES, Jorge Luis. “Pierre Menard, autor del Quijote”. In: —. *Obras completas*. Buenos Aires: Alianza, 1976, p. 490 - 499.
- CANDIDO. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 56-87.
- . *A Educação pela Noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CAMPOS, Haroldo. Uma poética da radicalidade. In: *Oswald de Andrade: Obras Completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 9-59 (Volume 7).
- . Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira. In: —. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 231-255.
- CERVANTES DE SAAVEDRA, Miguel de. *El Ingeniosos Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Buenos Aires: Longseler, 2005.

MAIA, Gleidys M. S. Murilo Mendes e a obra adversa: História do Brasil. In: MELLO, Ana Maria Lisboa de. (Org.). *Cecília Meireles & Murilo Mendes*. Porto Alegre: Uniprom, 2002, p. 331-352.

MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

MIGNOLO, Walter. Decires fuera de lugar: sujetos dicentes, roles sociales y formas de inscripción. *Revista Latinoamericana de Crítica Literaria*. Lima: Berkeley, 41, 1995, p. 9-31.

MONEGAL, Emir R. *Uma poética da leitura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

—. Antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald de. *A utopia antropofágica*. São Paulo: globo, 1990, p. 5-45.

PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Vanguarda e Modernidade. Vol. 3. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.

ROA BASTOS, A. *Vigília del Almirante*. Asunción: RP Ediciones, 1992.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TELES, Gilberto Mendonça. A autofagia de Oswald de Andrade. In: MORAES, Helenice Valias de (Org.). *Oswald Plural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1995.

—. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro* – apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Recebido em 02/06/2010.

Aprovado para publicação em 08/09/2010.